

O ARCEBISPO  
DA  
**BAHIA**

---

*Ganganelli*

---

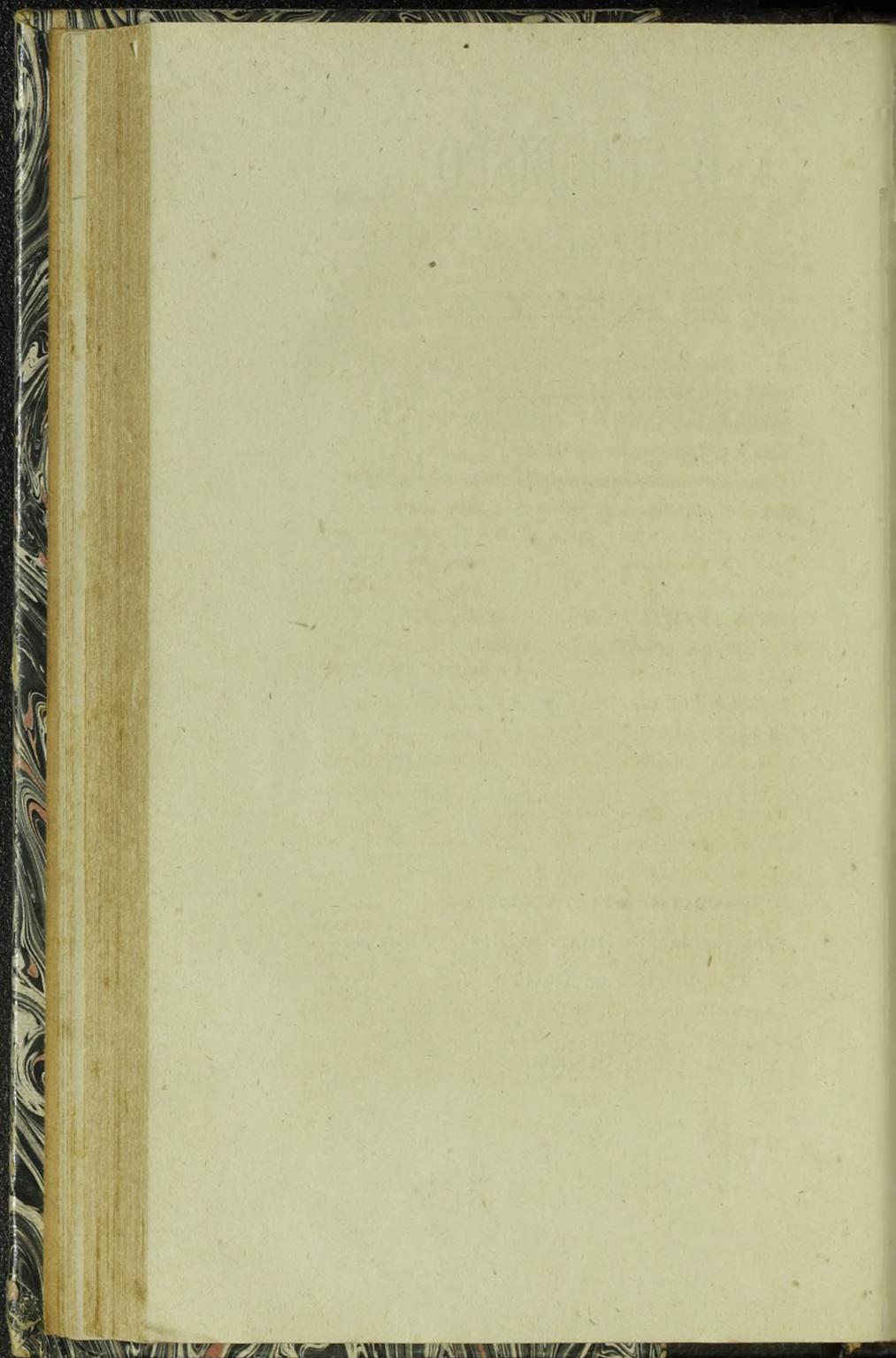
**RIO DE JANEIRO**

Typographia do—DIARIO DO RIO DE JANEIRO

97 Rua do Ouvidor 97

---

1874



## A IGREJA E O ESTADO

Caveant Consules.

XXVII

A decrepitude lançou o seu cartel de desafio ao Brasil e ao seculo!

ÁS ARMAS!

Bradou o arcebispo da Bahia.

Considera bem organizado já o exercito ultramontano, e o concita ao desejado S. Barthélemy!

« Exponhamo-nos SEM TREPIDAR (diz esse chefe ecclesiastico, principal preposto da curia romana, e servo de Pio IX), SE NECESSARIO FOR, ATE' A EFFUSÃO DE SANGUE, PORQUE ESTA' NA NOSSA CONSCIENCIA TODA A BASE DE NOSSA GLORIA: «obedire oportet Deo magis quam hominibus»!

A audacia tocou á loucura!

Os bispos ultramontanos BENZEM OS PUNHAES para a luta!

O seu «espiritual é de sangue»!

A matança lhes convém, já que pela razão, pela justiça e pelo direito nada podem obter!

Acautele-se o povo!

O arcebispo aconselha que basta de prudencia, PORQUE ELLA DEGENERA JA' EM FRAQUEZA!

Acoroçôa o crime, dizendo que os padres e fanaticos só serão julgados por Deus!

BENZE CACETES de nova especie, Roldão de

baculo em punho, dispõe-se a arrazar a «cafila audaz» que segue o desenvolvimonto da civilisação!

O metropolitano PROCLAMA E ORDENA RESISTENCIA ás leis e ás autoridades brasileiras!

A Igreja de Roma, diz elle, é «estacionaria»; não só não segue, como reprova as NOVIDADES que o seculo denomina PROGRESSO!

Quer que entre nós vigorem a «infallibilidade e o Syllabus», e para sustental-os atêa a fogueira da guerra civil, a mais medonha, A GUERRA RELIGIOSA!

O metropolitano se ostenta o «irmão terrivel» da perfida «Catholica Ultramontana!»

E, necessitando justificar tão notavel desmando, querendo encobrir a sua audacia sob um motivo plausivel, e com o fim malevolo de illudir o povo, desce á calumnia, á falsidade, ao aleive e á cobarde injuria!

«Abyssus, abyssum invocat!»

Diz esse «conselheiro de sangue» que a maçonaria foi quem «lançou a luva de repto» (textual) «aos catholicos, provocando, açulando, animando e protegendo os inimigos da Igreja de Deus!»

Mentira! Desfaçamento!

A maçonaria no Brasil conservava-se fóra de todas as lutas politicas e religiosas; a maçonaria exercia a caridade; os maçons conviviam em paz, e em paz completa e sincera se achavam, quer com o Estado, quer com a Igreja.

Composta a maçonaria do Brasil, quasi unanimemente, de catholicos, eram os maçons que mais concorriam para o exercicio e esplendor do culto divino.

Neste estado se achava ella tranquilla, e jámais poderia persuadir-se de que, algum dia, fosse assaltada, e traçoeiramente, pelos padres de Roma.

Oservava, com pezar, que a emigração ultramontana de jesuitas e irmãs de caridade affluia a nossas plagas.

Descansava, porém, na acção do governo, que afinal se desenganaria do mal que praticava, consentindo que no Brasil viessem refugiar-se esses bandidos expulsos de todos os paizes adiantados.

Não appareceu um acto sequer de hostilidade dessa associação respeitavel ao governo, ou á religião.

Dormia tranquilla, quando foi brutalmente despetada pelo bispo do Rio de Janeiro, primeiro que, executando as instrucções de Pio IX, suspendeu a um sacerdote conhecido, e geralmente apreciado, director de um notavel collegio de educação nesta Côrte, e sómente pelo motivo de ter dirigido ao Sr. presidente do conselho, por occasião de uma festa maçónica, em commemoração da lei da emancipação do ventre escravo, palavras de applauso e regosijo, por um acto tão philantropico, e tão conforme aos preceitos do Divino Mestre.

Indagada a razão de tal censura, soube-se logo que o episcopado, com instrucções insidiosas da curia romana, pretendia dar execução no Brasil a «antigas caducas bullas» contra a maçonaria, e **INDEPENDENTE DE BENEPLACITO IMPERIAL!**

Era uma experiencia!

A maçonaria, assim traçoeiramente accommettida, poz-se em guarda, e, invocando a protecção da consti-

tuição e das leis do paiz, pediu justiça contra a perfidia de Roma.

Atacada sem piedade, como sem probidade, por seus inimigos, «até então encobertos», tem, no terreno franco da logica, da historia, e do direito, defendido palmo a palmo o seu credito, descommunalmente malbarateado, e a posse em que, desde a independencia do Imperio, se achava de sociedade licita e tolerada.

Ao insolito procedimento do bispo do Rio de Janeiro seguiram os dos demais bispos; e cada um por sua vez, salvo dous sómente, tratou de prociamar e de determinar, em mal alinhavadas pastoraes, a execução do «Syllabus», e a condemnação da constituição e leis do Imperio!

A maçonaria era simplesmente o pretexto!

O DIREITO DE BENEPLACITO era a unica mira dos ultramontanos, e foi brutalmente atacado.

Pio IX queria dominar o Brasil, e aquelle salutar preceito constitucional era, e é, nas mãos de qualquer governo digno, insuperavel barreira a seus intentos sinistros.

Desde logo a luta se travou, e seriamente, não entre a maçonaria e o episcopado, mas sim entre os poderes do Estado e as pretensões deshonestas e immoraes da curia romana.

Dizer, pois, que a maçonaria foi quem «lançou a luva de repto» é mentir a historia do que se passa «presentemente», á vista e face, não só do Brasil como do mundo inteiro.

O metropolitano foi, pois, infelicissimo nessa sua aventureira proposição.

Propala, e não com ignorancia, mas com calculada má fé, que frei Vital está condemnado á «calceta» !

« Um successor dos Apostolos diz o arcebispo, «condemnado á calceta», de igual para igual, «entre os mais ignobeis faccionoras do paiz. Pois que !! Um bispo «de calceta por desempenhar seus sagrados deveres» ? O unguido de Deus !... «Onde a moralidade publica» ? Onde a religião e o seu culto ? ! E triste, e bem triste, é consternador, é degradante, desce até a ultima escala da abjecção um procedimento de tão degenerada natureza.»

Quanta lealdade.

O «Diario da Bahia» aprecia do seguinte modo o exaltamente archiepiscopal :

« Estas palavras dispensam de commentarios ; são por si bastante significativas.

« Quem as escreveu está disposto á luta sem tre-goas.

« Temos, pois, a guerra, a guerra religiosa, a guerra tremenda.»

Diz ainda o energumeno chefe ecclesiastico, que a maçonaria AFFIRMA (!!!) «que ella é juiz e parte : que empalma em sua dextra os mais conspicuos tribunaes, que dirige os destinos da sociedade ; que ao seu mais leve acceno curvam-se subservientes as autoridades ; que a Igreja nada pôde, e nada vale, e que o Christo do Calvario já cedeu o passo ao Deus do Triangulo ! »

Quanto disparate !

Ah ! Hospicio de Pedro II, quantos infelizes por este Imperio vagueam, que necessitam de tua caridade e beneficencia !

Quando, em que jornal, folheto ou publicação qualquer, a maçonaria disse ou mandou dizer o que o metropolitano com tanta má fé lhe attribue ?

Quanta facilidade na mentira !

Entre todos esses vituperios, uma verdade escapou ao metropolitano, é esta :

« Que a sotaina coberta de lodo acha-se completamente lacerada. »

E será de todo desfeita, para que appareçam á luz as asquerosidades que encerra.

O metropolitano devia, como nós, referir-se aos andrajos immoraes em que se escondem os jesuitas torpes, os ultramontanos sem consciencia e perversos.

O arcebispo, no seu plano de sangue, emprega « palavras de effeito », e dá ao quadro, de sua unica creação, as côres mais adequadas a seu fim, « e para melhor resultado em Roma ».

Diz elle :

Já se ouve o « rangido dos gonzos das ferrolhadas portas dos infectos ergastulos, em cujos antros tenebrosos serão arremessados os... »

O arcebispo suppõe que se trata de prisões da sua desejada inquisição.

E' idiotismo !

A comparação dos taes « infectos ergastulos » com a boa sala, e excellento tratamento dados a frei Vital provoca a mais estrondosa gargalhada.

« Qual arrebetado açude, » diz elle ainda, « a anarchia religiosa vae » inundando, « e destruindo tudo que encontra. »

Bem nos parece que o «açude» que arrebetou foi o que mantinha o episcopado no terreno legal, mo-

derado, leal e digno : foi o que oppunha diques a despropósitos e falsidades. A probidade ecclesiastica, a mansidão do pastor christão, a coudura dos homens do Evangelho e a dignidade dos chefes da Igreja, foram arrebatados pela innundação dos vícios ultramontanos, e nessa enxurrada immunda perderam-se, talvez para sempre !

Notamos em toda a «pastoral» do metropolitano um tal desvio de prudencia e de razão que, a não supportamos a revolta armada do clero contra o Estado, inevitavel e em acção, faz nos desconfiar do estado de suas facultades intellectuaes.

O arcebispo da Bahia, se nunca primou por illustrado, adquirira todavia a fama de mansidão e de respeitoso ás instituições, e isto lhe angariou consideração, especialmente na provincia em que exerce as suas funcções.

A quanto, porém, os ultramontanos, abusando de sua «condescendencia culposa», o arrastaram !

Como de um homem, que parecia de paz, puderam esses «Torquemadas» fazer um scelerado, um «revolucionario», repleto de odios, sedento de sangue, anarchisador do paiz e «destruidor das instituições ?»

Poder de Roma !

Roma mal dita, que, para avassallar o mundo, avilta todos os caracteres, aniquila todas as reputações e abysma toda a probidade.

Pobie velho !

«Quæ te dementia cepit ?»

Quando faltou o metropolitano a seus deveres ?  
Quando, «com essas mesmas bullas, de que agora se

serve», convivia em paz com maçons, ou agora que os afasta de si, calumniando-os ?

Se hoje é seu dever amaldiçoar a maçonaria, é força confessar que longos annos viveu esse pastor em peccado mortal !

A quantos maçons apertou elle a mão, a quantos abraçou cordialmente e sem repugnancia ?

Quando procedia com acerto ? emquanto na força de sua razão,— ou no presente visível desbarato de suas faculdades ?

O governo deve comprehender o plano que os ultramontanos adoptaram, para, a todo o custo, arrastarem o paiz á sujeição de Roma.

Attenda o governo que o clero se levanta audaz e brada—A' GUERRA ! e guerra em campo material, GUERRA DE SANGUE !

O arcebispo da Bahia, o chefe dos ultramontanos no Brasil, o mais cégo dos sargentos de Pio IX, quer SANGUE, se SANGUE fór necessario para subjugar o Estado.

E quando as cousas teem attingido a tão grave situação, é para receiar do futuro, observando-se a indifferença, a inacção, a imperturbabilidade e, digamol-o francamente, a desidia do governo !

Um bispo condemnado governa o bispado, e é isso consentido pelo governo !

Dous bispos processados, e poupados outros tão crimosos como elles !

As bullas não placitadas, e que são o fundamento da presente luta ecclesiastica, em execução em quasi todo o Imperio e sem correctivo !

Condennações sem effeito para a moralidade administrativa !

A faculdade de suspensões «ex informata conscientia» em vigor ainda !

As parochias providas a capricho episcopal, e sem concurso, e as respectivas congruas pagas a despeito de tão criminosa irregularidade !

Roma acatada pelo governo, o qual, ao mesmo tempo que submete bispos a julgamento, manda um emissario beijar o pé do Papa !

E' uma farça o que se passa no paiz ?

Apparenta-se força de vontade e execução de lei para um fim diverso daquelle a que o povo caminha com tanta lealdade e nobreza ?

Lembrar-se-hão os leitores que, ao começar a luta, os homens do governo eram accordes com os ultramontanos em attribuir aos pensadores livres um desejo sinistro de derribar instituições

Será quanto se observa de inexplicavel e contradictorio um plano insidioso, para em tempo abysmar o Estado e consorciarem-se mais fortemente o throno e o altar ?

O povo quer luz. O povo não admitte governos equivocados. O povo tem no S. Barthelemy uma lição terrivel, e que o determina a acautelar-se contra as tramas do poder.

Na historia desse lugubre acontecimento elle é o seguinte :

Para justificar a furia dos assassinos, e diminuir o horror da matança, lançaram, desde o principio, a calumnia banal invariavelmente empregada em todos os tempos contra os proscriptos. «Os huguenotes cons-

piram ! é preciso aniquilal-os para salvar a religião e o rei!...»

Além de não haver nenhum documento, nenhum indicio que pudesse dar apparencia de realidade a este romance, a maior parte dos « pretendidos conspiradores » foram sorprendidos em seus leitos ; — e ainda que se sentissem cercados de traições, contavam de tal modo « sobre a fé real », que não combinaram nenhum plano de defesa ; precaução esta que certamente não foi esquecida pelos verdadeiros conspiradores.

« La Rochefoucauld, « amigo intimo do rei », e que na vespera divertira-se com elle até meia noute, viu de repente entrar em sua casa seis homens mascarados, entre os quaes lhe pareceu achar-se um dos familiares de Carlos IX, o qual, em seus extravagantes divertimentos, muitas vezes sorprendia os homens e mulheres da côrte. O desgraçado ria-se e os assassinos o immolavam !

« Esses mascarados sinistros eram creaturas do duque d'Anjou. »

Não é porque receiemos que o mesmo se realice entre nós, que referimos esse facto da historia, e sim sómente para convenceremos de que o povo experimentado deve comprehender a diversidade de phases a que esta questão está sujeita.

E ainda mais, cumpre que nos acautelemos, quando a opinião pôde desvirtuar-se, porquanto os padres trabalham secretamente ; e com o confissionario, de que abusam, vão conseguindo armar o fanatismo contra as leis, contra as autoridades e contra a ordem e liberdade do paiz.

Liberaes conhecidos, e que gozam de influencia na população, proclamam-se ultramontanos, condemnam o beneplacito, são sectarios do «Syllabus», e «prégam» contra a legalidade da condemnação dos bispos e até contra a constituição do Estado !

Taes liberaes, que chamaremos HOMENS ABSURDOS, cégos de fanatismo, ou avidos de poder, tratam de desvairar o povo, e, com mais ou menos esforço, com o sophisma, com o aleive, e sempre «em nome de Deus», procuram solapar o que temos de mais liberal em nossa lei.

Em nome da liberdade querem arrastar o paiz ao jugo theocratico dos padres de Roma.

Com a maior insidia se prevalecem do sagrado principio de liberdade de consciencia, para defender a rebeldia dos bispos.

A maçonaria deve ser condemnada, por bem da «liberdade de consciencia.»

Os bispos podem transgredir as leis do Estado, porque assim exercem «essa liberdade.»

O governo devia consentir que o paiz fosse anarchisado pelos jesuitas e ultramontanos, «respeitando-lhes a liberdade de consciencia.»

O supremo tribunal de justiça, applicando o direito positivo a factos provados até por confissão ostentada dos transgressores da lei, «atacou a liberdade de consciencia.»

E porque a «Reforma», órgão liberal, cumprindo a sua missão na imprensa, não se constituiu instrumento dos padres, e não aconselhou ao povo a resistencia a actos legaes como o do supremo tribunal de justiça, dizem os «homens absurdos»—que esse órgão

«lançou feia pecha sobre o tumulo de tantos martyres da liberdade que no Brasil teem morrido com as armas nas mãos, sustentando o direito da resistencia armada!»

Aconselham assim a «resistencia armada» á constituição, ás leis e aos poderes do Estado, para manter a força despotica de Roma, contra todos os principios, os mais bem assentados no partido liberal!

Aconselham ao povo que vá até ao «sangue», para supplantar a todos quantos não pensam como elles, e tudo—em bem da «liberdade de consciencia!»

Não adoptar o «Syllabus», não subordinar a soberania do povo á sonhada soberania da Igreja Romana é prejudicar as «idéas democraticas!»

Os «homens absurdos» querem ainda que na bandeira politica de um partido se ache consagrado o dever de sustentar uma determinada religião, e tudo—por bem da «liberdade de consciencia!»

Quem os poderá comprehender?

O que entenderão por «liberdade de consciencia», elles que professam o «Syllabus», onde «essa liberdade» é condemnada?

A sua «liberdade de consciencia» se resume em cega obediencia ao Santo Padre e a seus sacristães!

Crer «por ordem», afirmar «por obediencia», sujeitar-se á «razão estranha», tal é a grande «liberdade de consciencia» dos ultramontanos.

A' cata de argumentos que os apadrinhem, tudo lhes serve, tudo inventam e desvirtuam!

Por motivos «todos economicos», como é geral

mente sabido, o «*orgão republicano*», nesta Córte suspendeu a sua publicação.

Os «*homens absurdos*», dando um caracter diverso e repugnante a esse facto, aliás natural, de todos os tempos, e independente de quaesquer discussões, o attribuem a ter-se a folha republicana «*envolvido na questão episcopal e condemnado as exageradas pretensões de Roma*»!

E mais, dizem ainda, que a «*massa popular republicana*» obrigou esse *orgão* a calar-se por ter atacado a religião!

«*Risum teneatis*»!

E assim se conta a historia! E assim se calumniam liberaes e republicanos, e mais se desnatura o que constitue essencialmente o principio democratico!

Liberaes e republicanos do «*Syllabus*» representam a mais flagrante contradicção, como a mais notavel deslealdade aos principios.

Só adopta e proclama a «*sublimidade*» de tal contradicção, ou o politico que, ávido de poder, não escolhe armas nobres para combater os adversarios, ou o que, dominado pelo fanatismo, tem de todo abafado em seu espirito a livre apreciação das cousas e a faculdade de raciocinar.

No exercicio de sagrados direitos politicos, o atropello o mais escandaloso, como se tem dado, não provocou nunca os «*homens absurdos*» á proclamação de «*resistencia armada*!»

«*Homens de ordem, liberaes moderados e prudentes*» preferirão sujeitar-se a todos os vexames, ás tropelias as mais escandalosas e indecentes, e á

falseção do systema, antes do que excitarem o «povo miudo» (não é nossa a phrase) á resistencia!

Mas a resistencia, «e até armada» (!) deve vir, é licita e «muito liberal», desde que um bispo desnaturalisado e rebelde é condemnado, ainda quando convencido de manifesta infracção das leis do Estado:

Não sabemos o que seja POVO MIUDO.

Nós que conhecemos no povo a principal vontade de uma nação, o unico que é soberano, o unico que pôde na sociedade moderna e nos paizes livres «querer e determinar», não o amesquinharemos jámais.

Em vez de «miudo», que, segundo os conhecedores da lingua, equivale a «canalha», nós diremos sempre—O POVO SOBERANO—, o verdadeiro rei na sociedade adiantada.

E o povo do Brasil não é, nem pôde ser qualificado de «miudo», porque não é ultramontano, não pôde ser escravo, não cede, nem cederá de sua soberania, para subordinar-se a um qualquer tyranno, brasileiro ou romano.

Não se engane o povo com os falsos «apostolos» que o illudem, para convertel-o em cêgo instrumento clerical.

Não ha felicidade politica sem ampla liberdade religiosa: é isto que devemos dizer ao GRANDE povo brasileiro.

A liberdade religiosa, synonymo de liberdade de consciencia, é o direito de procurar a verdadeira religião; direito que pertence a toda creatura humana, que comprehende o que a liga ao Creador.

Exprime a independencia politica das communhões religiosas, a separação da Igreja do Estado.

« Não é na qualidade de cidadão, diz Laboulaye, mas na nossa qualidade de homens, seres intelligentes e moraes, que temos relações com Deus. Nas-cemos para procurar a verdade, e a verdade não está subordinada a nenhum poder, e nem é a lei que a pôde estabelecer. »

Os ultramontanos se empenham por dirigir o povo, e nisto consiste o ponto mais importante e mais calculado de seu plano de dominio universal.

« Nada, entretanto, ha mais fatal, diz ainda Laboulaye, do que diminuir no homem o sentimento de sua força e responsabilidade. O povo que se deixa dirigir por vontade estranha escravisa-se e aniquila-se. »

Em vez de illudirmos o povo com exagerações religiosas, em vez de o conservarmos ignorante para melhor o manter fanatico, em vez de proclamar uma falsa liberdade de consciencia para melhor subjugar a consciencia, em vez da hypocrisia e da impostura, é melhor ser franco e leal, e dizer a verdade tal qual ella é.

Igreja e Estado unidos, mutuamente se prejudicam.

O principio religioso de cada um deve estar fóra do alcance do Estado, porque pertence só á consciencia.

O homem simples pôde pertencer a uma Igreja, o cidadão, porém, só pôde pertencer ao seu paiz. Nisso consiste a differença de Igreja e Estado, e isso determina irremissivelmente a separação, pela qual pug-naremos sempre.

Concluiremos o presente artigo perguntando .

Porque não foi já remettido a seu destino o condemnado frei Vital de Oliveira ?

Ainda ha poucos dias, «conforme dignos officiaes de marinha presenciaram», passando o Imperador pelo arsenal, para embarcar, foi saudado, das janelas do «ergastulo immundo» em que se acha esse jesuita, com a mais ruidosa gargalhada !

Como são sisudos e circumspectos os «barbadinhos», especialmente quando aos 27 annos chegam a ser bispos !

Mas frei Vital tem licença para tudo.

Novo «Senhor dos Passos», martyr glorioso, santo venerado até pelos «voluntarios de Roma», humanisa-se algumas vezes, brinca e ri-se, como qualquer peccador.

Os homens do paço sentiram, no cortejo de 14 deste mez, a falta de D. Lacerda e dos barbadinhos ! Não são para graças ; estão mal com o Rei !

*Ganganelli.*

Rio, 18 de Março de 1874.

---

P. S. — Offerecemos á consideração do governo o artigo da «Provincia», que em seguida transcrevemos.

Trata do actual governo do bispado de Pernambuco :

---

## A PROVINCIA

26 DE FEVEREIRO DE 1874

### *Governo do bispado*

Em nosso entender, a mais robusta prova de falta de energia do governo actual, na questão religiosa, está no facto de ser ainda a diocese de Pernambuco governada em nome de D. Vital.

Sabem todos que a pronuncia, em crimes como o de D. Vital, suspende o exercicio de direitos politicos, e inhabilita para o exercicio de cargos publicos.

Ora, D. Vital está *condemnado*, e continua em seu cargo de bispo; isto é, nós, cidadãos brasileiros, que não somos padres, estamos em muitos actos da vida civil subordinados ao querer de um condemnado.

O absurdo disto resalta a todos os olhos.

Todas as materias mixtas, tudo aquillo em que cabe o recurso á Corôa, continua subordinado ao bispo D. Vital.

Amanhã, pois, póde dar-se a seguinte enormidade: um individuo ou corporação póde recorrer ao governo do paiz....de quem? do bispo D. Vital, que está preso e condemnado.

Póde-se crer isto, em um paiz, onde a omnipotencia do governo é patente?

O que póde explicar semelhante covardia da parte do omnipotente governo do Sr. D. Pedro II?

A não ser, como se diz, que o throno vive sempre cuidando que sem altar baquêa, nada pôde explicar um semelhante facto.

O gabinete Rio-Branco não sabe cumprir as leis do paiz—elle que faz camaras e faz tudo; o gabinete Rio-Branco declara-se impotente perante o jesuitismo de Roma, representado por meia duzia de bispos e padres imprudentes.

E' uma miseria sem nome.

O Sr. Lucena não responde ao officio de participação do governador nomeado por D. Vital; e esse governador, ás barbas do Sr. Lucena, continúa pondo e dispondo.

O Sr. Lucena não responde a esse officio, diz implicitamente que não reconhece esse governador; mas não dá um passo para trazer ao estado regular o governo do bispaio.

O Sr. Lucena, fazendo o que faz, sem duvida deu parte ao governo: e o governo até hoje deixou o Sr. Lucena em pessima posição.

Se o Sr. Lucena não fez bem, cumpria ao governo ordenar-lhe que abrisse communicação com o governador nomeado por D. Vital.

Se o Sr. Lucena fez bem, nada explica que as cousas continuassem na mesma até hoje.

E' uma miseria sem nome !

Temos um presidente que não reconhece um governador do bispado; e temos um governador do bispado que não faz caso disso e vae seu caminho.

Em conclusão, a diocese tem e não tem governo.

Se olhamos para o Sr. Lucena, a diocese não tem governo, pois não se comprehende autoridade não reconhecida como tal pelo presidente da provincia.

Se olhamos para o governador do bispado, a diocese tem governo, pois não se comprehende que, á face do presidente da provincia, uma autoridade intrusa se ostente, desassombrada e tranquilla, no exercicio de usurpadas funcções.

E' miseria sem nome!

Deus ajude o *Apostolo* da Côrte para zurzir o gabinete, e a *União* daqui para zurzir o Sr. Lucena.

A' vista destas anomalias, podemos concluir:

— Para o jesuita no Brasil não ha governo geral nem provincial.

E' miseria sem nome!

